

Uma leitura de escrita traumática em duas dramaturgias contemporâneas brasileiras

Thiago Henrique Fernandes Pereira

Resumo

A presente comunicação focaliza uma parcela da produção dramática brasileira que, mais propriamente a partir da década de 1990, explora a ficcionalidade da errância – personagens em constante trânsito em um Brasil longínquo. Abordamos os textos *Agreste* (2004), de Newton Moreno, e *BR-3* (2005), de Bernardo Carvalho, numa investigação a respeito da forma literária/dramática em sua relação com o deslocamento enquanto demanda temática, ou seja, de ordem geográfica, assim como, deslocamento formal dentro da perspectiva do próprio gênero dramático. A violência e a manutenção de uma memória repetida em ambos os textos, contrária à reflexão – o que é denominado como *acting out* em Ricoeur – mediante o processo contínuo de desterritorialização – como suposto em Deleuze e Guattari –, nos leva a refletir sobre a interrupção do processo de luto, ampliado para além do domínio individual. Fenômeno que para Sarrazac constitui um “desvio” substancial no campo de expectativa do gênero dramático. De tal forma, faz destacar a ideia de trauma posto que a conciliação com o sentimento de perda (da identidade, do pertencimento terreno) não se verifica. Tais elementos esclareceriam nas dramaturgias sua relação com o referente de enunciação urbano, esclarecendo uma visão particular de presente problematizada nos espaços criativos da autoria; tal qual, sua abertura à questão da identidade que transita entre o subjetivo e o nacional. De tal forma, intentamos o trabalho de uma reflexão que, possuindo um amparo científico variado, mantenha o teatro aproximado do estudo literário brasileiro, reavendo tal distanciamento perpetrado tanto na história como na crítica.

Palavras-chave

dramaturgia contemporânea; errância; luto; desterritorialização

1 Ator e professor atuante na rede particular de ensino de Belo Horizonte. Graduado em Letras. À época do seminário desenvolvia dissertação no Programa de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo, tornando-se mestre em Letras no ano de 2015. E-mail: thiagohfernandes@gmail.com.

A presente comunicação enseja apresentar uma parcela da reflexão proposta no trabalho de dissertação intitulado “Imaginário errante: deslocamento espaço-tempo e dramaturgia contemporânea”. Focalizando uma produção dramática que, mais propriamente a partir da década de 1990, explora a ficcionalidade da errância, com seus personagens em constante trânsito, destacam-se aqui os textos *Agreste* (2004), de Newton Moreno, e *BR-3* (2005), de Bernardo Carvalho, numa investigação a respeito da forma literária/dramática em sua relação com o deslocamento, a partir de termos correspondentes como errância e desterritorialização. Este último tal qual encontrado na filosofia de Deleuze e Guattari e utilizado em estudos críticos literários como o de Flora Süssekind a respeito de aberturas da subjetividade em meio à demanda urbana que dominaria o imaginário literário mais recente.

Tendo-se em consideração as especificidades de cada uma das obras analisadas, é-lhes comum o interesse por um Brasil longínquo e extenso. Em *Agreste*, esse interesse deixa-se flagrar na caracterização do espaço e na presença do “homem sertanejo”, representado pelo casal de protagonistas que, rompendo à lógica de pertencimento terreno, partem para o desconhecido. A primeira passagem ao espetacular do texto é assinada pelo grupo de teatro Razões inversas, sediado na cidade de São Paulo. Em *BR-3*, por sua vez, vislumbra-se o problema da errância no traslado entre o central e o periférico, na jornada de sobrevivência – encontros e perdas – que delinea a saga de uma família. O devir errante que aí se delinea, condição não nucleada do indivíduo, origina-se na disfunção do referente residencial. Escrito junto ao Teatro da Vertigem, o texto é integrante de um longo e multifacetado projeto de pesquisa empenhado pelo grupo, culminando em apresentações nas águas poluídas do Rio Tietê.

O percurso estabelecido nos dois casos é tratado às cegas, horizonte do incerto. Na medida em que conduz a zonas de conflito, evidencia, primeiramente, a fragilidade do corpo físico. O fluxo narrativo, portanto, revela-se fortemente condicionado pela imposição da realidade – o indivíduo estando sempre subjugado a esta e nunca o seu contrário. Neste sentido, as obras tratadas que, num primeiro momento, parecem destoar dos

temas e abordagens hodiernas, mantêm proximidade com o panorama contemporâneo de criação narrativa marcado pela tópica da violência e pelo agenciamento de alteridades. O fazem, entretanto, por meio de um deslocamento do olhar para além do centro urbano, foco privilegiado da nossa contemporaneidade, tomando a violência como tema que se distancia, então, da comum urgência de presentificação e de um sentido mais cotidiano.

Paralelamente à persistência de atos de violência, e a frequente conclusão pela morte, destacamos uma igual fragilidade de espírito por parte dos personagens, de elementos que confirmam à sua vivência individual a solidez de uma experiência (inter) subjetiva, resultando na sua incapacidade e/ou falha de reflexividade. De maneira que o deslocamento físico pelo espaço geográfico, errância do *corpo*, corresponderia a uma igual errância do *eu*, à ideia de uma subjetividade cada vez mais imprecisa. Aos poucos revela-se a subtração da expressão privada, verificável no semblante humano verificado em cada uma dessas dramaturgias, elipsada pela expressão coletiva. A expectativa de circunscrição da forma dramática através da troca intersubjetiva cede ao embate do homem contra o meio, o simbólico (SARRAZAC, 2013).

A passagem da experiência privada para a coletiva, ou para uma “expressão histórica” nos termos de Ricoer, será justamente o que nos auxiliará na leitura de escrita traumática nas referidas dramaturgias. Tomando como referência as etapas verificáveis no trabalho do luto, tal como elaborado por Freud – aflição pela perda e reconciliação com o objeto perdido –, tratar-se-ia em tais obras da completa impossibilidade de tal movimento de reconciliação. A perda é aqui entendida antes num sentido simbólico – não mais ao nível do corpóreo –, de modo a reforçarmos a ideia ricoeriana de uma “constituição bipolar da identidade pessoal e da identidade comunitária” (RICCER, 2008, p. 92).

Em *Agreste*, o amor sertanejo entre duas mulheres, uma delas tal qual Riobaldo travestida pela vida, não é findado apenas pela morte desse, chamado de “Seu Zé”, mas pela catarse coletiva que atea fogo ao casebre em que se velava o corpo então descoberto em sua anatomia feminina. Não menos pungente é o final de Jonas, protagonista de *BR-3*, que tem o seu trajeto invencionário (inventar um nome, uma religião...) concluído

num desfecho em que o mesmo angaria para si uma culpa quase mítica. O suicídio não é, porém, o fim; o corpo enforcado numa jangada é alvejado de tiros por ser confundido com um boneco de Judas num sábado de aleluia. Com efeito, ao explorar situações limites, situações que, por fim, tensionam aquilo que chamaremos de “eventos de barbárie”, *Agreste* e *BR-3* “desenterram”², como lido no primeiro dos textos, ou dão a ver o retorno da mácula do imaginário e do corpo histórico, exatamente o incompreendido. A repetição, nos dois casos, não levará ao sentimento de reconciliação. O retorno apenas expõe o trauma, não o conclui, não o soluciona. Para isso, trabalha a realidade de subjetividades fraturadas, como exposto anteriormente, sempre a falha de reflexão.

Há aqui um senso exacerbado de presença, uma ideia de domínio e apropriação localizada diretamente no corpo. O trauma, portanto, ao afastar-se da cognição, localizando-se fora do ego, passa ao “*acting out*”, concentrando-nos ainda em Ricoer. Evocando do filósofo francês a relação entre história e violência, poder-se-ia dizer que o ato violento substitui a lembrança, contrariando a pretensão do presente estar reconciliado com o passado. Nesse sentido, não seríamos capazes de distinguir perda e reconciliação, pois perde-se pela violência ao mesmo tempo em que se reconcilia através dela. A morte ou a patologia do corpo, ainda que conclusão narrativa, representará justamente a não solução, ou a solução sádica, como parte integrante de um processo de abandono, de esvaziamento de referentes.

Se a ideia de território pressupõe um vetor de saída do mesmo, e se tal saída pressupõe ao menos o esforço de se territorializar em outra parte – princípio para o conceito deleuze-guattariano de desterritorialização –, enquanto apropriação, “espaço vivido” e “sistema percebido” (GUATTARI E ROLNIK, 1993, p. 323), o gesto não encontraria em definitivo o seu objetivo, operação nunca bem sucedida. Impossibilidade de se reterritorializar como máxima que circunda as questões de identidade – individual e coletiva – e, logo, de pertencimento.

² “(...) Um grupo velou a madrugada inteira com impropérios, xingamentos, escárnios, maldições, pragas Criaram um ódio. Desenterraram a pior parte deles. Desenterraram as piores palavras da língua”.

Como último apontamento, e ampliando-se à perspectiva dramaturgica, naquilo que transparece de condição criativa, o traumático estaria para além do nível ficcional. A sugestão recai especificamente sobre uma possível visão particularizada de presente, que assim como no trauma, revela haver uma ruptura da lógica corrente e progressiva do tempo histórico. Ainda que tratemos de uma produção literária surgida no âmbito de um imaginário criativo urbano, no qual a violência e a morte pudessem assumir um caráter de presentificação mais cotidiana, banal, prevaleceria um contorno de presente assombrado pelo passado e de futuro incerto. Em alguma medida, formas de escrita, também elas, sugerindo impossibilidade de pertencimento, de territorialização.

Referências bibliográficas

CARVALHO, Bernardo. *BR-3*. 2005. 46 p.

GUATTARI, F. & ROLNIK, S. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes, 1993.

MORENO, Newton. *Agreste, Body Art, A refeição*. São Paulo: Aliança Francesa Consulado Geral da França em São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

RICŒUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Trad. Alain François. Campinas: Unicamp, 2008.

SARRAZAC, Jean-Pierre. *Sobre a fábula e o desvio*. Trad. e Org. Fátima Saadi. Rio de Janeiro: 7 Letras / Teatro do Pequeno Gesto, 2013.

SÜSSEKIND, Flora. Desterritorialização e forma literária. *Sala Preta*, São Paulo, v. 4, pp. 11-29, 2004.